

Jovens raparigas capacitadas sobre violência baseada no género

Notícias, Goga em foto, 30.11.2020, Pág. 24, Ed. nº 31.156

A ASSOCIAÇÃO de Mulheres Chefes de Família (MUCHEFA) deverá capacitar, durante os próximos dias, cerca de trinta raparigas dos seis bairros urbanos da vila autárquica de Mandlakazi, em matérias de violência baseada no género.

Pretende-se, com a medida, munir as jovens de conhecimentos, visando prepará-las a saberem defender-se e a denunciar casos de violência protagonizados na família ou por indivíduos de sexo oposto.

A pretensão foi divulgada no encontro virtual realizado, semana passada, visando o lançamento dos 16 dias de activismo contra a violência baseada no género.

Os organizadores entendem que em tempos de confinamento devido à pandemia da Covid-19 a rapariga esteve mais exposta a actos de violência física, moral e até mesmo sexual, tendo, igualmente, consubstanciado para o recrudescimento de casos de casamentos prematuros.

De acordo com Morga Cucu, coordenadora da organização MUCHEFA, é necessário que a rapariga esteja pronta a enfrentar as discussões sobre o seu papel na sociedade e, futuramente, como mãe e gestora. E esse horizonte pode estar a ser ofuscado pelo crescente número de raparigas a se casarem prematuramente e despreparadas.

A painelistra referiu que a mulher deve tornar-se a melhor activista neste pressuposto, exercendo o seu papel em casa e na rua, mas sem violência.

Por seu turno, a edil da autarquia de Mandlakazi, Maria Helena Langa, considerou que a edilidade tem priorizado aspectos de género na constituição dos órgãos de governação a todos os níveis e com a integração da rapariga, como forma de estimular a sua abnegação pelos estudos.

Langa refere que as questões de género devem envolver toda a sociedade para que, efectivamente, se alcance o sucesso almejado de raparigas livres da violência.

“A nossa autarquia adoptou a política de género, que preconiza 50/50, isto é, a repartição das posições existentes nos órgãos autárquicos por igual para os sexos”, frisou.

Por sua vez, Carmina Massingue, representante das congregações religiosas, disse existirem fóruns adequados em que as mulheres discutem os seus problemas e o seu empoderamento na família e na sociedade, com a finalidade de encontrar melhores formas de resolução de conflitos e desenhar mecanismos para que se evite casos de violência.

Massingue acrescentou que muitas das vezes a própria mulher, inconscientemente, tem estimulado a violência e esses aspectos têm sido debatidos no seio da igreja, com recurso a ensinamentos bíblicos, de forma a desencorajar actos de género.

“Por isso, temos defendido que a mulher deve ter voz na igreja, na família e na sociedade, para que possa se expressar e discutir suas opiniões com o seu parceiro, homem”, concluiu.

